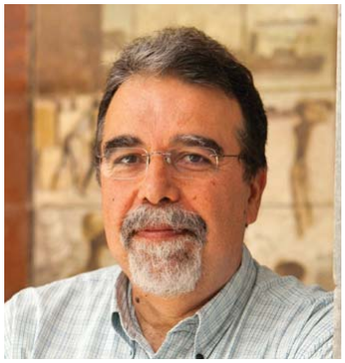
EDITORIAL / *EDITORIAL*



Medicina do viajante em Portugal criação da Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante

/ Prof. Jorge Atouguia
Presidente da Direção da Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante
email: j.atouguia@gmail.com

A Medicina do Viajante Portuguesa nasce, provavelmente, com os nossos exploradores de África. Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens sabiam da necessidade da utilização de roupas e proteções físicas contra as picadas de insetos, e tinham, na sua farmácia do viajante, os comprimidos de quinino, para tratamento da malária. No princípio do século XX, a medicina do viajante acompanha a medicina tropical nas medidas de identificação e controlo de novas doenças – febre amarela, cólera, doença do sono, malária, filarioses, schistosomoses. O controlo destas doenças protegia não só os naturais daquelas regiões, mas também os viajantes da altura – os colonos. O aparecimento de vacinas para algumas doenças tropicais favoreceu o aparecimento de uma medicina mais preventiva, que preconizava a utilização das vacinas contra a febre amarela e cólera, e sessões de aconselhamento, que incluíam a profilaxia da malária (com quinino, depois pirimetamina, finalmente cloroquina) a todos os viajantes – colonos, e, mais tarde, militares – que se deslocavam para as então províncias ultramarinas portuguesas. Essa foi a prática até finais dos anos 70, centralizada no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, em Lisboa. A medicina do viajante era, na altura, parte integrante da medicina tropical.

A partir da década de 90 do século passado, com a globalização, as grandes mudanças de estilos de vida associadas ao turismo, viagens de avião, e aumento do número de viagens, surgiu a diferenciação e melhor caraterização do que seria a medicina do viajante. Os Centros de Vacinação Internacional funcionaram como polos de atração para consultas do viajante, primeiro públicas, associadas a Serviços Hospitalares e Centros de Saúde (Lisboa, Coimbra, Porto, e, gradualmente, outros locais do País) depois, privadas ou público/privadas, em diferentes instituições, umas de saúde, outras académicas. Mais recentemente, a medicina do viajante é também efetuada em consultas ligadas à medicina do trabalho e à medicina geral e familiar. Todo este movimento e crescimento de consultas é o reflexo do crescimento do número de viagens e de viajantes, sobretudo para áreas de maior risco para a saúde, e provocou, por parte das estruturas de saúde, académicas, e privadas, uma resposta imediatista e, por vezes, oportunista, não estruturada, com o aparecimento de um grande número de profissionais, nem sempre qualificados, a fazerem consulta do viajante, sem qualquer apoio técnico-científico ou regulamentação.

Nenhuma área da medicina necessita de maior atualização que a medicina do viajante. O profissional que se responsabiliza pela saúde do indivíduo saudável que o procura na consulta tem que estar informado 24/24 horas sobre os riscos que esse viajante pode encontrar nos seus locais de destino, durante o tempo da estada. A informação e partilha de informação entre os pares é fundamental em qualquer área científica, e ainda mais na medicina do viajante. E, em Portugal, o conhecimento

atualizado em saúde do viajante está, sobretudo, com os grupos de especialistas mais ativos, e raras vezes é partilhado. No nosso País, a educação e atualização dos profissionais está baseada em cursos de formação anuais - IHMT, o mais antigo curso de medicina do viajante, e, nos últimos anos, Hospital de S. João – Faculdade de Medicina do Porto -, ou cursos eventuais, organizados em diferentes regiões do País pelas entidades que supervisionam as vacinações e consultas. Em 2002 e 2003 fizeram-se duas reuniões de consenso sobre vacinas e malária, juntando representantes dos principais grupos nacionais a praticar medicina do viajante. Para além da publicação das conclusões da reunião de consenso sobre vacinas na *Revista Portuguesa de Doenças Infeciosas*, não houve continuidade neste tipo de realizações. Esporadicamente, fala-se de medicina do viajante em Congressos e Workshops das áreas da medicina tropical, infeciologia e da saúde pública, sobretudo quando existem situações epidemiológicas globais que preocupem a classe médica e a população. Sem conhecimento não existe boa prática; sem boa prática não existe reconhecimento da necessidade da consulta e da sua qualidade. Sem qualidade não existe credibilização. A medicina do viajante em Portugal está descredibilizada.

A criação da Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante

Já na segunda reunião de consenso sobre malária, em 2003, os profissionais de saúde presentes tinham discutido a possibilidade de constituição de uma Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante, como forma de aproximar e apoiar os técnicos que efetuam esta consulta, e regularizar as suas boas práticas. No entanto, só no final de 2014 se conseguiu reunir representantes das consultas com mais experiência e movimento em termos nacionais ou regionais, para discussão das formas de melhorar a prática da medicina do viajante. Nessa reunião foi então decidida a criação da Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante (SPMV).

A Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante (SPMV) pretende ser a estrutura capaz de centralizar e alojar uma rede de troca de informação e de experiências entre os profissionais envolvidos na saúde de quem viaja, definindo critérios de boa prática científica e clínica. O seu objetivo maior é, em conjunto com outras entidades estatais ou de classe, contribuir para minimizar o maior problema da medicina do viajante em Portugal: a regulamentação da sua prática, isto é, quem tem qualificações (e qualidade) para fazer consultas de medicina do viajante nas suas diferentes vertentes: pré-viagem, trans-viagem e pós-viagem.

As áreas de intervenção da SPMV incluem a promoção de atividades de formação para profissionais de saúde, fomentar a investigação e a divulgação de conhecimentos, estabelecer parcerias e contactos científicos com entidades médicas ou académicas, públicas ou privadas, e com associações congéneres, nacionais ou internacionais, promover reuniões científicas e de consenso em medicina do viajante, e criar programas específicos de certificação que podem ter como objeto profissionais, consultas ou centros de atendimento.

A Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante pretende, através da prossecução dos seus objetivos, contribuir para a melhoria e garantia de qualidade da medicina do viajante praticada em Portugal, quer antes da partida, com as boas práticas clínicas no aconselhamento, quer durante a estada, acompanhando e dando apoio clínico à distância, quer após o regresso, no correto diagnóstico e tratamento do viajante doente.